

## A JANELA

Paulù Salmoura\* (Cabo Verde)

Eu nunca dormi muito cedo. Desde tempos idos, foram hábitos meus serem já altas horas da madrugada e eu ainda acordado. O silêncio sempre foi para mim como um inibidor de um sono profundo e tranquilizador.

Ainda hoje, da mesma forma, tudo continua igual. Às vezes, principalmente aos fins-de-semana, agora porque tenho uma filha pequenina, fico até altas horas da madrugada acordado. Vou sempre antes ver se ela já dorme e depois vou até à pequena sala de visitas e entreabro as persianas da janela que dá para a rua e fico tempos mirando para o outro lado da rua onde há um club nocturno que, até ontem, era muito frequentado pela juventude e não só.

Às vezes, a minha mulher ainda me perguntava:

– O que estás a fazer que ainda não vieste para a cama? Hoje não vens dormir?

Pelo que quase sempre respondia:

– A pequena está acordada. Dois minutos e já vou!

Mas a maior parte das vezes ficava atrás das persianas, espreitando e, ainda mais, sonhando com o que se passava lá fora, como um pássaro preso numa gaiola que espreita os passarinhos livres lá fora.

Algumas vezes ganhei coragem e descí à socapa, pé ante pé, as escadas do primeiro andar, troquei de sapatos, vesti um sobretudo e fui até ao Pub tomar um copo. No entanto, quase sempre me arrependia por me aperceber que isso tudo era na ilusão e uma busca, como se fosse algum elixir que me rejuvenescesse novamente, visto serem o fumo, o álcool e a juventude coisas que por mim já à pares de anos haviam passado... Ficava por aí pouco tempo. Como se o barulho e as luzes oscilantes fossem para o meu subconsciente um potente sonífero visto que, de regresso a casa, quase sempre, adormecia poucos minutos depois.

Não sem antes levar um raspanete da minha mulher, que me perguntava sempre:

– Por onde andaste, vens tão gelado, e cheirando a fumo? ‘Tiveste a fumar?

– Não, simplesmente tive que ir lá baixo pedir para que fizessem menos barulho por causa de não acordarem a menina.

Mas na verdade quase nunca dormia demasiadamente. Às seis horas em ponto aparecia, descendo pela rua abaixo, o velho varredor da Câmara Municipal que, azafamado, sempre vinha resmungando em peçonhosa voz impropérios, chutando copos de plástico, garrafas de vidro e latas de cerveja - vestígio de passadas folias nocturnas, Enquanto vociferava em voz alta pragas aos pequenos grupos de jovens retardatários que, devido ao excesso de alcoolemia ficavam estatelados nos bancos públicos.

Mas hoje foi uma madrugada diferente. Já de manhã, nos noticiários, só se falava numa “Nova Pandemia” mas, da mesma forma que fazia sempre, fui à janela e espreitei para a rua do lado. No entanto, como em noites mais frias de inverno, estava sem vitalma alguma. A rua, como que tivesse perdido a vida, isenta dos barulhos nocturnos que são os prazeres da vida e da juventude.

De mim apossou-se um temor, um vazio e vou ao quarto procurando algum consolo e tentando acariciar de leve a face bonita da minha mulher que dorme mas que me responde com um olhar furibundo e um gloterar imperceptível. Vou novamente até à janela e oiço alguém que, a passos parcos, cantarola uma melodia alegre. Lá vinha o velho varredor descendo pela minha rua abaixo. Hoje vinha todo sorridente e jovial enquanto num gesto mecânico vez ou outra se agachava para apanhar meia dúzia de papéis e beatas de cigarros do chão.

Então desisto e vou até ao quarto da minha filha que, geralmente a essa hora, algumas vezes acordava do terceiro sono, esperando alguém que a pudesse abraçar e acalantar.

Mas ela dormia um sono profundo, indiferente a mim, indiferente a todos e indiferente ao Mundo.

\* O autor não segue a grafia do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990.